



EIXO 7: FORMAÇÃO E TRABALHO DE PROFESSORES EM PERSPECTIVAS FEMINISTAS, INTERSECCIONAL, DE GÊNERO E RAÇA

BRANQUITUDE E DALTONISMO RACIAL: TEMAS INVISÍVEIS PARA A DOCÊNCIA CONSERVADORA

Bruna Dalmaso-Junqueira
UDESC/UFRGS
bdjunqueira@gmail.com

Jaqueline Garske Ferreira
UFRGS
jaquel122@gmail.com

Resumo

O presente trabalho se circunscreve a uma pesquisa financiada pelo CNPq. Em um contexto de progressivos ataques à educação pública, democrática e inclusiva (Lima; Hypolito, 2019), interessa-nos compreender os elementos retóricos e ideológicos utilizados por agentes conservadores para conectar-se com professoras/es, gestoras/es e familiares de modo a propagar suas pautas na educação. A partir de entrevistas semiestruturadas com 75 membros de comunidades escolares de cinco cidades brasileiras - Porto Alegre/RS, Florianópolis/SC, Brasília/DF, Jaboatão dos Guararapes/PE, e Salvador/BA -, temos investigado a aderência desses sujeitos a discursos e práticas conservadoras. Utilizamos a análise temática (Braun; Clarke, 2006) para identificar e relatar temas nos dados construídos, e a análise relacional (Apple, 2006) para explorar conexões socioculturais entre contextos micro e macrosociais. Ecoando um cenário global que mobiliza a manutenção do *status quo* e o retrocesso em pautas de justiça social (Pinheiro-Machado; Vargas-Maia, 2023), um dos aspectos que tem se destacado nessas análises diz respeito à branquitude. Para Cida Bento, a “branquitude [é] como uma guardiã silenciosa de privilégios” (2022, p. 15). Em uma sociedade estruturada pela desigualdade racial, tal como a brasileira, a branquitude é tradicionalmente invisível pois é compreendida como a norma, como aquilo que não requer explicação. Debater a branquitude requer tratar privilégios inerentes a todas as pessoas socialmente lidas como brancas, independentemente da classe, mas não só isso: requer trazer à tona como tais privilégios foram conquistados e como prejudicam a população negra e indígena até hoje. A partir dessa compreensão, buscamos analisar a fala de docentes ouvidas/os em nossa

investigação, em que muitos/as afirmaram preferir não abordar temáticas étnico-raciais em aula. Não raro, fazem isso respaldando-se no mito da democracia racial: uma crença de que o Brasil seria livre de preconceitos em função da miscigenação (Bento, 2022). A realidade da branquitude, porém, se revela em falas como a desta professora de Porto Alegre: [...] *não são temas que eu trabalho. Você fomentar isso, você está criando realmente um ambiente hostil. É como você pegar uma coisa e dizer: do meu ponto de vista, essa capinha de telefone é marrom. E quando você nota que, do meu lado, ela é preta. Você vai criar esse embate, você vai criar realmente um conflito dentro da turma.* Identificamos em nossa investigação o racismo não verbalizado: a branquitude que não reconhece - ou não admite - seu preconceito, inclusive acusando a abordagem desses temas de ser o gatilho de conflitos. Além de não se permitirem buscar ferramentas para reconhecer e combater seus preconceitos, os sujeitos privilegiados pela branquitude por vezes tomam também o lugar de vítimas caso sejam interpeladas por perspectivas antirracistas: o não-dito também contribui para a manutenção desses lugares de privilégio. Esse foi o caso da mesma professora, quando afirmou que se sente “*discriminada por ser branca*”, optando muitas vezes por “*ficar de boca fechada*”, já que “*tudo que fala é um problema*”. Chamamos atenção também para o daltonismo racial - um discurso bastante comum e, ainda assim, facilmente ignorado. Manifestação do racismo e mecanismo de manutenção da branquitude, o daltonismo racial é a crença de que ignorar diferenças étnico-raciais promoveria a harmonia racial (Saad, 2020). Diferentemente de expressões explícitas do racismo e da supremacia branca, o daltonismo racial se mostra como faceta velada, em que há um discurso de suposto bom senso sustentando a ideia de que “*todos somos iguais*”. Esse foi o caso de outra professora de Porto Alegre, que afirmou: *O Brasil tem disso. A variedade. [...] Cada criança é única. Então eles se percebem dentro da sala. Eu tenho um colega negro, eu tenho um colega de olho verde, eu tenho um colega de olho puxado, eu tenho um colega que usa um colar, está escrito autista. Eles são indivíduos únicos. Então a gente tem que trabalhar essa diferença com todos eles.* A invisibilização não é somente das desigualdades raciais, mas também da obrigatoriedade de abordá-las como parte dos currículos escolares, considerando a legislação brasileira. Em falas como essa, o daltonismo racial é eficaz na instrumentalização da diversidade para perpetuar a branquitude como norma e silenciar lutas históricas por reconhecimento e direitos. Se somos todos únicos, também somos todos iguais. Mencionar a diversidade

étnico-racial como parte de uma lista de diferenças - incluindo a cor dos olhos -, impede endereçá-las de forma comprometida com o combate às desigualdades, perpetuando essa invisibilização. Entendemos que a branquitude manifesta na docência que vimos investigando age reforçando o “pacto narcísico”. Para Cida Bento (2022), tal pacto é firmado por pessoas brancas, consciente ou inconscientemente, visando manter privilégios e a estrutura social que as beneficia, prejudicando sujeitos não-brancos. Há diversas formas de mantê-lo: a preponderância da contratação de pessoas brancas, especialmente em alto escalão; o silenciamento de denúncias de discriminação/racismo; a decisão de não abordar temas raciais em aula. A branquitude é uma estrutura opressora constante, e são poucos os espaços que a reconhecem e combatem. A escola, como vem sendo instrumentalizada por grupos conservadores, em nada contribui para tornar-se um desses espaços. Na busca por justiça social e pelo combate às desigualdades, percebemos a faceta da branquitude antirracista como um caminho incortonável da docência. Para além do aumento da representatividade e do cumprimento de regulações curriculares antirracistas, sinalizamos a urgência de que docentes brancas/os reconheçam seus privilégios, desnaturalizando desigualdades e atuando como agentes da transformação.

Palavras-chave: Branquitude. Daltonismo Racial. Trabalho Docente Conservador.

Referências:

APPLE, Michael W. **Ideologia e Currículo**. Tradução de Vinicius Figueira. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative research in psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.

BENTO, Cida. **O Pacto da Branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LIMA, Iana Gomes de; HYPOLITO, Álvaro Moreira A expansão do neoconservadorismo na educação brasileira. **Educação e Pesquisa**, vol. 45, 2019.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana.; VARGAS-MAIA, Tatiana. **The Rise of the Radical Right in the Global South**. London: Routledge, 2023.

SAAD, Layla. **Eu e a Supremacia Branca**: como reconhecer seu privilégio, combater o racismo e mudar o mundo. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.